
O DIA EM QUE OTACÍLIO MENDES VIU O SOL

Ronaldo de Brito

Otacílio Mendes entrou em casa mais cedo que de costume. Em passos rápidos e decididos apanhou a espingarda e trancou-se no quarto. Dolores Mendes ouviu o rangido da chave dando duas voltas na fechadura da porta, fechou os olhos contrita, esperando o estampido. Vislumbrou uma poça de sangue e seus olhos se encheram de lágrimas. O filho pequeno, que despalhava umas espigas de milho, esmagou uma lagarta verde entre os dedos. Em silêncio de comunhão, também esperou.

Não era de agora que Otacílio Mendes ameaçava matar-se. Pois morra de vez, instigava Dolores, duvidando da coragem do gesto. Qualquer morte a este suspense de teias de aranha em que vivo nesta casa. Não bastassem doze filhos para cuidar, doze machos como tu, que tomam café, almoçam e jantam, ainda tenho de ouvir ameaças.

Otacílio mastigava calado, uns fios brancos aparecendo no bigode antes preto. Quando tinha raiva, Dolores só tomava café. Se é por causa daquela puta, te dou alforria para viver com ela. Fora das minhas sesmarias. Nos estreitos, nas vazantes, nos cerrados, no inferno onde meus olhos não vejam.

Otacílio levantou-se e deixou cair a cadeira de couro. Os doze filhos homens baixaram as cabeças. Um lado estava com

o pai, uma metade com a mãe. Morra, morra de vez para eu ficar livre da catinga de teu corpo, gritou Dolores e teve um acesso de tosse, coisa que acontecia sempre que ficava com raiva. Otacílio urrou, já do terreiro, mas dentro de casa deu para ouvir aquele esturro de animal acuado. Ele não gostava que reclamassem do fedor da roupa dele, pois a mulher era culpada, ou o seu gênio desgraçado, um gênio de trocar o sono da noite pelo prazer de remoer ódios.

Se tu achas que sujo muita roupa, não te darei mais o trabalho de lavar uma peça minha. E a partir deste dia Otacílio mandou fazer calças e camisas de um madapolão grosso, que só tirava quando os farrapos estavam caindo. Tanta riqueza de terras e rebanhos, de açudes e moradas contrastavam como desalinho das vestimentas. Um cheiro encardido e rançoso anunciava a chegada dele. Lá vem seu Otacílio, proclamavam tapando o nariz. Os incomodados se retirem, porque esta roupa só tirarei quando a vergonha estiver de fora. Prá trocar por outra de mesmo quilate. A birra era grande, um carrancismo de antanho, de morrer em opiniões e gestos de arranco. Dolores que suportasse o cheiro na cama, nos poucos encontros do corpo, mais estertores que gozo.

Otacílio ia morrer, ela sabia. Pararam os trabalhos no campo, o engenho de moer cana parou, apagaram o fogo dos tachos de mel. Onze filhos voltaram das labutas e sentaram-se em volta da mesa, esperando que o pai se decidisse a apertar o gatilho ou sair para a sala e encará-los. Não fosse o cacarejo de uma galinha que se aninhara atrás de um baú velho do quarto e agora queria entrar, se ouvia o zunido de uma mosca. As panelas já não cozinhavam, ninguém ordenhava as vacas, só a galinha insistia cantando, junto à porta.

Otacílio, gritou Dolores, deixe a galinha entrar. Ela não tem culpa se você quer morrer. A porta se entreabriu de leve, menos de um palmo, deixando a galinha passar por este pequeno espaço, as aves não são como os homens, são leves e se arranjam com facilidade. O mundo não podia continuar daquele jeito, em suspense, quando todos tinham fome e era preciso almoçar. Dolores matutava nestas coisas práticas, era mulher, tinha gênio decidido e vontades pensadas. Otacílio era de repente, tudo no instante, movimentos relâmpagos, vontade corisco, raios, rompantes. Você ainda vai se dar mal ela dizia, deixe eu morrer respondia ele, sempre falando em morte, um espectro de balas sobrevoando a cabeça.

Minha mãe, chorou Otacílio no quarto e todos tiveram pena porque nunca o tinham ouvido chorar, visto muito menos, quando um homem chora a ordem do mundo se refaz, algo novo se cria para compensar estas lágrimas, que não são mister dos homens. Esta saudade da mãe vinha de um sentimento de tê-la perdido tão cedo. Talvez fosse menos infeliz se a mãe não houvesse morrido no parto e tivesse experimentado os deleites do peito

materno. Minha mãe, gemeu de novo Otacílio e o filho mais velho saiu da sala, não agüentaria o terceiro clamor, mais doloroso que os três gemidos de Cristo na cruz. Justamente o filho mais velho enxergava culpas na mãe, Dolores, que nada fazia para adoçar o fel do coração.

Otacílio, não vá, pediu Dolores chorando. Vou e foi. As decisões eram por nada. Uns trovões, uma chuva, um rio cheio. Ajudou a atravessar animais nas águas barrentas e profundas do rio. Comboio de tropeiros transportando tonéis de cachaça. Tome um adjutório. Não preciso.

Sou rico. O senhor me vê assim sem valia mas tenho dinheiro. De dentro de um chapéu rasgado arrancou contos de réis. Eu com tanto iria ficar mais rico nos seringais do Amazonas. Tenha juízo e não vá, suplicou Dolores. Pense nos seus doze filhos sem pai. Vou. Se ficar me amofino em barra de saia de mulher. Já usava as roupas esfarrapadas quando partiu para voltar após três anos. Amarelo, tremendo de malária, uma crosta de grude no corpo que não largou nem raspada com telha velha.

A galinha voltara a cantar, queria sair do quarto, seu útero se esvaziara de um ovo, sua função de galinha estava justificada, a de Dolores também, como mãe e mulher, alimentando os filhos que comiam calados. Otacílio entreabriu a porta e avistou seu prato, cheio da melhor comida, água fria em um copo de reluzente alumínio, não desejava mais. Os filhos viram as mãos pálidas, sem o brutal orgulho, humilhadas no gesto de apanhar a comida, como se pedintes fossem. O terceiro filho engasgou-se, num espasmo de goela. Aquele era o pai? Antes ouvir um estampido a rever as mãos rastejantes. Em Dolores não havia vitória, comoção é a

palavra exata, ela retirou-se da sala de jantar para a cozinha e não almoçou mais. Adoçaria a coalhada da ceia do marido com açúcar cristal, Otacílio preferia assim. Se ceia existisse. Dependia de um ruído seco, rimbombando na casa com sentença assinada: aconteceu.

O ruído que se ouviu foi o familiar barulho de uma mijada em penico, ninguém está livre de suas necessidades, graças a Deus, isto regula o mundo e garante a saúde das pessoas. O pai estava vivo e os irmãos se olharam num meio sorriso, o primeiro em horas de tensão.

Chegou a tardinha, a noitinha, a noite cedo e a noite alta. Ninguém dormia na casa de telhado alto, a não ser Otacílio, pelo ronco que subia à cumeeira, onde se avistava um caixão de defunto, mandado fazer por ele, para caso de uso. Tinha medo de ser enterrado em chão limpo, não gostava de pensar na terra entrando pela boca, estava providenciada sua casa derradeira, não daria trabalho a ninguém. Você é doido dizia a mulher, sou mesmo respondia. Um caixão não é a coisa mais bonita para se olhar na hora em que se vai dormir. Os vizinhos já sabem desta nova esquisitice. Qualquer dia batem na porta pedindo emprestado para enterrar os parentes. Eu digo que não empresto, respondeu Otacílio. Dolores recordava de tudo, agora que velava um morto vivo, um vivo morto que não decidia seu rumo, nem o dos outros. Acordada estava, acordada ficava com os filhos, tombados insones pelos cantos, sem cama certa pra descansar a espera de uma morte.

Madrugada já seria quando a porta entreabriu-se e na mortiça luz de candeieiros se avistou a mesma mão, que de tão detalhada em moldura parecia desconhe-

cida, mas era a mão certa de Otacílio, fotografada num instantâneo, quando empurrava para a sala um penico cheio de mijo e merda, o atestado de que pelo menos as tripas estavam vivas. Vamos cuidar da vida, disse Dolores, pensando naquela realidade irrecusável, os filhos não se aluíram, ela foi preparar café forte pra acordar da insônia.

Os galos já não cantavam, as cozinheiras perguntavam com os olhos o que preparar para o almoço, os trabalhadores queriam ouvir ordens. A galinha cacarejava novamente ao pé da porta, pedindo passagem. Ela também queria pôr o seu ovo e continuar vivendo uma vida de galinha. Otacílio compreendeu este apelo e deixou-a entrar.

Todos desejavam o retorno da vida, que uma ameaça de morte interrompera. Dolores pensava nesta vontade ao voltar da cozinha com o café quente e se deixou cair a xícara foi de verdadeiro susto, não esperava mais o estampido que ouviu-se ensurdecido, rasgando as entranhas das paredes, acordando os filhos da letargia da morte. Dolores não conseguiu evitar um grito forte, nascido da boca do estômago, onde a vontade habita.

Os filhos correram para a porta fechada. As cozinheiras ampararam a esposa, sentando-a num banco. Os trabalhadores se espremeram na sala, ansiosos por entrar. Uma insuportável catanga de pólvora empestava o ambiente.

Otacílio Mendes, conseguiu gritar Dolores e foi tudo o que pode.

Dolores, respondeu Otacílio Mendes, abrindo a porta do quarto com suavidade e se dirigindo até a mulher. Prepara esta galinha para o almoço. Pena que desperdicei o sangue.

Havia vestido uma roupa antiga, de linho, amarelada e com cheiro de naftalina. Dirigiu-se ao terreiro, onde o sol estava aberto. Parecia fazer isto pela primeira vez.

